

## REFORMA DO ENSINO MÉDICO

O artigo que se publica neste número sobre *Relações entre as Ciências Básicas e a Medicina*, da autoria do Prof. Hugo Gil Ferreira, é da máxima actualidade e utilidade numa altura em que inicia a sua actividade a **Comissão Interministerial de Revisão do Ensino Médico**, criada o ano transato por despacho conjunto dos Ministérios da Educação e da Saúde e na qual a Ordem dos Médicos tem dois representantes.

A análise do Prof. Hugo Gil é de enorme valor pelos conhecimentos profundos que demonstra ter da realidade Médica Nacional, em confronto com os da Comunidade Científica que nos é extrínseca e especialmente pela diversidade e riqueza de conteúdo das suas múltiplas mensagens. Os efeitos que elas poderão originar, serão naturalmente diversos consoante a perspectiva de análise estrutural, avaliativa, denotativa, performativa, prescritiva em que nos situemos.

Este trabalho podemos considerá-lo uma variante, mais elaborada e menos provocativa do tema que tratou, com geral aceitação e agrado, no último Congresso Nacional da Ordem dos Médicos e que foi publicado na Edição especial da A.M.P. do mês de Novembro. No entanto, a redução que faz no final, da essência das Ciências Básicas a uma força motriz cultural destinada a preencher o cerne das nossas expectativas humanas mais elevadas de criatividade, inovação e originalidade, no campo da Biologia, em contraponto com o que acontece nas Artes Clássicas, na Moderna Física Teórica e nas Matemáticas não aplicadas, poderá ainda parecer para o nosso meio como algo de muito revolucionário e certamente destituído do mínimo senso prático. O Biologista Básico, que agora nos é delineado, lembra-nos obviamente a figura ideal do *Magister Ludi* do laureado Hermann Hess, devotado à estrita disciplina do aperfeiçoamento cultural e interessado não em produzir uma elite de intelectuais superiores, praticantes deliciados dos *Glass Bead Game*, mas fundamentalmente consagrado à missão suprema de impregnar duradoira e profundamente toda a Comunidade Médica dos valores e gosto lúdico inerentes à correcta procura da verdade científica.

Esta necessidade de difusão fenotípica de ideais e de criação de um ambiente propício ao desenvolvimento dos mais elevados valores culturais, quer sejam eles éticos, artísticos, científicos ou tecnológicos, chama-nos a atenção para o problema essencial de que é chegado o momento de reclamar de uma forma incisiva e enérgica, que basta de pseudo-reformas que se destinam unicamente a impedir que lacunas subjacentes no presente se transformem em defeitos grosseiros de superfície no futuro imediato. A vida dos Médicos está cheia de remendos deste género.

Não parece estranho por exemplo, que decorridos tão breves anos após a criação de Novas Escolas Superiores de Ciências Médicas — que todos esperavam fossem o paradigma da renovação pedagógica e científica do nosso meio — estejam elas agora também muito interessadas em se juntarem às Velhas Faculdades e conjuntamente procurarem meios de se autoreformarem(?). A resposta a esta perplexidade, não é difícil de obter, se nos lembrarmos que a matriz de construção adoptada, não teve em vista conseguir na essência uma renovação profunda e duradoura do Sistema, mas destinou-se a resolver um problema de momento. As Novas Faculdades dos anos 70, foram uma reduplicação do modelo tradicional clássico que à pressa e na emergência serviu para solucionar a questão pragmática da plétora de alunos que inundaram as nossas Faculdades durante o desvario pós-revolucionário.

Infelizmente tememos que a pressão para o imediatismo de soluções persista subjacente ao espírito que governa os nossos órgãos da tutela. Por um lado, a impreparação de uma grande parte dessa geração de médicos, que vieram preencher a quase totalidade das necessidades de Clínicos Gerais do país, mantem-se e continua a reclamar soluções. Por outro lado, o discurso dos nossos Governantes, provavelmente por força do nosso atraso económico e científico continua a ser prevalentemente de influência Terceiro-mundista (Vidé: Entrevista do Ministro da Educação ao Notícias Médicas de 19 de Fevereiro p.p., sobre o *Discurso de Abertura do X Congresso Nacional do Médico Interno e o Discurso de posse da Comissão Interministerial de Revisão do Ensino Médico* de 16 de Novembro de 1989).

Compreendemos que muitas vezes a necessidade de uma sistemática de análise de problemas complexos, propicie a adopção de critérios exageradamente simplicistas de redução dualista da realidade. É uma tentação a que frequentemente não escapam, nem os espíritos mais abertos e de tendência mais Liberal. Na Medicina, estamos cheios destes exemplos de confronto dialético, que estimulam as nossas tendências inatas para tomada de partido. São os dualismos entre Cuidados Primários de Saúde versus Cuidados Especializados, são os afrontamentos entre as Ciências Básicas e Clínicas, é a Investigação Básica e a Investigação Aplicada, é a Medicina dos Hospitais Universitários e dos Hospitais não Universitários, etc., que no nosso meio refletem a tendência para a deformação massificadora da filosofia da luta de classes, que tão evidentes maus resultados produziu nas Sociedades que a adoptaram. O problema poderá não ser o de fazer um escolha ou o de organizar uma síntese, que resultará esterilizante, mas o de incentivar a diversidade e a diferença nas quais os Grupos, as Instituições e a Sociedade se desenvolvam numa mais sadia emulação.

Em consonância com o espírito mais aberto das nossas raízes Ocidentais e sem constrangimentos de qualquer espécie, a A.M.P. valoriza devidamente o trabalho do Prof. Hugo Gil Ferreira e naturalmente estimula a publicação de outros depoimentos que como este constituam um avanço significativo para a resolução de um problema tão importante e tão complexo como o da Reforma do Ensino Médico.

**F. Veiga Fernandes**